

OBSERVAÇÃO, CONTEMPLAÇÃO E INTUIÇÃO NAS CONCEPÇÕES METODOLÓGICAS DE HUMBOLDT E NA OBRA DE MEE¹

OBSERVATION, CONTEMPLATION AND INTUITION IN THE METHODOLOGICAL CONCEPTIONS OF HUMBOLDT AND MEE

Emiliana Nunes Santos² e Elsbeth Léia Spode Becker³

RESUMO

Neste trabalho, busca-se focar as concepções metodológicas de Humboldt sobre a natureza em seu universo de estudo. Por outro lado, procura-se apontar as possíveis semelhanças nos procedimentos metodológicos de Mee nos registros da botânica da Amazônia e, por fim, relacionar os registros antropológicos de ambos a fim de destacar a sensibilidade para com os povos nativos. A metodologia está embasada no estado da arte e na perspectiva da pesquisa qualitativa. Concluiu-se que Humboldt foi um estudioso cuja importância ultrapassa os domínios temporais de sua época e espaciais da sociedade em que viveu. De forma similar, a obra de Margaret Mee transforma-se em uma cruzada apaixonada pela preservação do ambiente frágil da Amazônia. Humboldt e Mee jamais perderam o entusiasmo pelo trabalho de campo e não mediram esforços para registros em diários e desenhos que auxiliaram na catalogação de novas espécies em áreas remotas da Amazônia. Ambos utilizaram a observação, a contemplação e, especialmente, a intuição como principal técnica de análise criando uma interação entre observador e objeto.

Palavras-chave: Amazônia, natureza, trabalho de campo, descrição.

ABSTRACT

This paper aims to check the methodological conceptions of Humboldt on nature. It is also verified the possible similarities with the methodological procedures of Mee on the botanical records of the Amazon. Finally, there is a link between their anthropological records in order to highlight their sensitivity to native peoples. The methodology is based on the state of the art and on the perspective of a qualitative research. It was concluded that Humboldt was one of those scholars whose importance goes beyond the temporal domain of its time and space of the society in which he lived. Similarly, the work of Margaret Mee turns into a passionate crusade to preserve the fragile environment of the Amazon. Humboldt and Mee never lost their enthusiasm for field work and made a great effort to make annotations and drawings in diaries that aided the cataloging of new species in remote areas of the Amazon. Just as Humboldt, Mee used observation, contemplation, and especially intuition as the main technique of analysis by creating an interaction between observer and object.

Keywords: Amazon, nature, fieldwork, description.

¹ Trabalho de Iniciação Científica - PROBIC.

² Acadêmica do Curso de Geografia - Centro Universitário Franciscano.

³ Orientadora - Centro Universitário Franciscano.

INTRODUÇÃO

A vida cotidiana é feita de crenças silenciosas, da aceitação tácita de evidências que nunca questionamos porque nos parecem naturais e óbvias. Cremos no tempo e aceitamos a existência do tempo em horas, minutos e segundos. No entanto, a intenção do pintor surrealista Salvador Dalí (1904-1989), em seu quadro “A persistência da memória”, é desfiar os observadores mais atentos para a questão da fluidez do tempo. O efeito desafiador dessa representação não seria tão intrigante se não aceitássemos tacitamente que o tempo existe e que o relógio marca a sua passagem. Há, portanto, um desafio intrigante nas evidências que nunca questionamos advindas de verdades racionais. O pensamento racional é linear, ao passo que a consciência espiritual decorre de uma intuição não-linear. Na corrente principal da cultura ocidental, o cultivo da sabedoria intuitiva foi negligenciado. Isso pode estar relacionado com o fato que, em nossa evolução, persistiu uma determinante separação entre matéria e espírito.

A tendência de pensamento responsável pela separação entre matéria e espírito originou-se com os gregos e continuaria a influenciar o conhecimento ocidental por mais de dois milênios, após o apogeu da ciência e da cultura gregas nos séculos V e VI a.C. O pensamento da Antiguidade foi sistematizado e organizado por Aristóteles que criou o esquema que viria a se tornar a base da visão ocidental do universo, a separação entre o mundo material e o mundo espiritual. À medida que a concepção de uma divisão entre matéria e espírito ganhava corpo, os gregos voltaram sua atenção para o mundo espiritual, colocando de lado o mundo material. A razão que permitiu a imutabilidade do pensamento aristotélico durante tanto tempo tem a ver com a ausência de interesse no mundo material, formulado pelo severo domínio filosófico da Igreja Cristã durante toda a Idade Média.

No Renascimento, houve a renovação da ciência ocidental que, liberta da influência de Aristóteles e da Igreja Cristã, apresenta seu interesse no mundo material, na natureza. Galileu Galilei (1564-1642) foi pioneiro a combinar o conhecimento empírico com a lógica da matemática, o que lhe confere o título de pai da ciência moderna.

O nascimento da ciência moderna foi acompanhado do pensamento filosófico que originou a formulação extrema do dualismo matéria e espírito. Se antes a verdade ocorria no mundo espiritual e na concepção de um Deus absoluto, que, das alturas governava o mundo, impondo-lhe a lei divina, agora as leis fundamentais da natureza, objeto da pesquisa científica moderna, eram imutáveis e o mundo se achava submetido a elas. Até o Renascimento, prevalecia a concepção de mundo espiritual, considerada muito mais valiosa do que a investigação em torno do mundo material. No Renascimento e nas modernas teorias do conhecimento advindas a partir de Francis Bacon (1561-1626) e René Descartes (1596-1650), a divisão “cartesiana” e o uso absoluto da razão permitiram conceber o mundo como matéria, inteiramente separada do espírito, e somente era aceito como verdade aquilo que era passível de ser provado e experimentado.

Apesar da contundente separação entre o mundo da natureza e o mundo do homem, os filósofos gregos debatiam as formas de conhecimento e as diferentes maneiras de conhecer, entre aparência

e essência, matéria e espírito. Originou-se, com os gregos, uma tendência de pensamento, responsável em estabelecer alguns princípios gerais do conhecimento.

Para Platão, existem duas formas de conhecimento: o conhecimento sensível (crença e opinião), alcança mera aparência e o conhecimento intelectual (raciocínio e intuição), culmina na essência das coisas. O conhecimento sensível é ilusório, e o conhecimento intelectual é alcançado pela matemática, cujas ideias nada devem aos órgãos dos sentidos e não se reduzem a meras opiniões subjetivas.

Aristóteles, no entanto, não separa as duas formas de conhecimento e considera que o conhecimento vai sendo formado e enriquecido por acumulação das informações. Assim, para Aristóteles não há ruptura entre o conhecimento sensível e o intelectual, mas ocorre uma continuidade entre eles (ARLT, 2008).

Aristóteles defende a continuidade do conhecimento e define sete formas ou graus para alcançar o conhecimento intelectual: sensação, percepção, imaginação, memória, linguagem, raciocínio e intuição. Há, porém, uma separação entre os seis primeiros graus e o último, a intuição, que é puramente intelectual ou um ato de conhecimento puro, das causas ou princípios de um objeto. Essa separação não significa que as seis primeiras formas ou graus de conhecimento são meramente ilusórios, mas evidencia que há tipos de conhecimentos diferentes, que vão de um grau menor a um grau maior de apreensão da verdade (HÖFFE, 2008).

Em cada forma ou grau, tem-se acesso a um aspecto do todo e, na intuição intelectual, alcança-se o conhecimento dos princípios da realidade total. Assim, a diferença entre os seis primeiros graus e o último decorre do reconhecimento da polaridade básica existente em todos os sistemas e sua integração na totalidade do cosmos.

Os gregos, apesar de estabelecerem o dualismo entre matéria e espírito e dar preferência ao desenvolvimento das ideias do espírito, preocupam-se em exercitar o pensamento para alcançar a essência, além da aparência, que forma a realidade do ser.

É fascinante observar que, na ciência moderna, que se originou da divisão cartesiana e da visão mecanicista do mundo, privilegiou o mundo da matéria e trouxe incontáveis avanços da técnica, viveram e conviveram cientistas, como Humboldt e Mee, que desenvolveram um pensamento que aproximava o conhecimento sensível e o conhecimento intelectual.

Alexander von Humboldt (1769-1859), naturalista alemão, e Margareth Mee (1909-1988), botânica inglesa, não foram contemporâneos, porém, ambos vivenciaram o contexto do mundo moderno e da ciência sob as luzes da razão e do pensamento racional e linear. Humboldt e Mee, no entanto, empreenderam uma consciência de natureza que decorre da intuição de sistemas não-lineares e, durante suas vidas, desenvolveram aproximações em seus universos de estudos científicos: a contemplação da natureza e o especial interesse pela Amazônia. Essas aproximações provavelmente dizem respeito às técnicas e aos procedimentos metodológicos adotados por Humboldt e por Mee.

Desse modo, busca-se responder à questão-problema: a observação, a contemplação e a intuição estabeleceram uma relação metodológica nas obras de Humboldt e de Mee, especialmente, nas incursões pela Amazônia? A problematização, a formulação das hipóteses e a justificativa para

essa abordagem são desencadeadas a partir de uma das primeiras questões que poderia aproximar Mee de Humboldt e que diz respeito à apreensão reflexiva da realidade no contexto das ciências modernas. A apreensão reflexiva da realidade faz convergir à totalidade entre o fenômeno (a paisagem) e o sujeito (o observador) capaz de interpretar a comunhão íntima do homem com a natureza e isso representa um caminho diverso do empreendido pelo racionalismo de Bacon e de Descartes.

A segunda questão e, talvez, a mais importante, que poderia relacionar a obra de Mee aos procedimentos metodológicos de Humboldt, diz respeito à observação, à contemplação e à intuição. Humboldt privilegiava a intuição durante o trabalho de campo, que seria desencadeada a partir do primeiro contato que o observador mantém com a paisagem. A simples observação da natureza produz no observador uma gama de sensações, que, quando recorrida a sua subjetividade, consegue definir os encadeamentos da totalidade.

A terceira aproximação de Humboldt e Mee remete ao trabalho de campo. Humboldt foi o precursor na realização de um trabalho de campo sistemático, ao qual propunha uma observação minuciosa dos elementos da paisagem, buscando, na sua contemplação, fazer a ligação do particular com o que pode ser encontrado de mais geral.

Finalmente, a quarta questão que poderia relacionar a obra de Mee aos procedimentos metodológicos de Humboldt são os recursos técnicos. Os principais recursos utilizados por Humboldt eram as anotações na caderneta de campo, as ilustrações (desenhos) e os comentários no diário.

Humboldt realizou inúmeros trabalhos de campo durante sua vida e, assim como Mee, dedicou especial encantamento pela Amazônia. Ambos mantiveram interesses sobre a diversidade cultural dos povos que encontraram em suas expedições e, nesse sentido, uma questão importante em Humboldt diz respeito ao fato de empreender grande interesse em compreender a língua e os hábitos dos povos que ele estudava.

O legado de Margaret Mee, seus comentários sobre flores, pássaros e animais da Amazônia e, especialmente, a fascinação e a paixão que a botânica desenvolveu ao tomar notas em seu diário, desde a primeira expedição em 1956, justificam a tentativa de relacionar a sua obra com o método de um dos maiores cientistas da natureza.

O objetivo deste estudo é evidenciar a trajetória de Margaret Mee e sua arte botânica em relação às flores da Amazônia com o intuito de identificar as prováveis relações com os procedimentos metodológicos de Humboldt.

REVISÃO DA LITERATURA

ALEXANDER VON HUMBOLDT E A VALORIZAÇÃO DA OBSERVAÇÃO, DA CONTEMPLAÇÃO E DA INTUIÇÃO NA DESCRIÇÃO DA PAISAGEM

Alexander von Humboldt nasceu em 1769, na cidade de Berlim, no reino da Prússia e faleceu em 1859. Originário de uma família da nobreza prussiana teve uma educação rígida e uma formação eclética.

Humboldt adquiriu intenso conhecimento de geologia, mineralogia e botânica e interessou-se, especialmente, pela história natural. Tornou-se adepto às concepções pedagógicas de Jean Jacques Rousseau (1712-1778), filósofo e escritor suíço que viveu na França, como, por exemplo, a prática de observação direta da natureza e a realização de expedições como a melhor forma de desenvolver o conhecimento.

Com Johann Friedrich Blumentbach (1752-1840), naturalista e antropólogo alemão, desenvolveu seu interesse pela Botânica e Geologia e iniciou-se na prática da observação itinerante por meio de excursões.

No entanto, é no contato e na convivência com Georg Forster (1754-1794) e seu pai Johann Reinhold Forster (1729-1798), naturalista alemão, que Humboldt desenvolve o espírito incondicional para as viagens como método para a pesquisa de campo. Provavelmente tenha sido pelo entusiasmo dos Forster's pelas expedições que Humboldt desenvolveu a metodologia do trabalho de campo.

A valorização da observação e da contemplação da paisagem durante o trabalho de campo foram influências que Humboldt recebeu de Johann von Goethe (1749-1832), escritor alemão, de quem Humboldt herdaria, ainda, a questão da valorização da estética enquanto campo filosófico que trabalha com a intuição, fazendo a mediação entre sujeito-objeto.

Para Goethe, a realidade é a natureza e dela fazem parte os humanos e as instituições humanas. Por sua participação na natureza, os humanos podem conhecê-la, pois são feitos dos mesmos elementos dela e participam da mesma inteligência que a habita e a dirige.

Segundo Ricotta (2003), Humboldt buscou associar o sentido da realidade por meio de uma observação reflexiva, resultado da conjugação investigativa entre a experiência científica com a apreensão do conteúdo genérico e quantitativo e a experiência estética do singular e empírica.

Humboldt propôs o “empirismo raciocinado”, isto é, desenvolveu a intuição a partir da observação. No método humboldtiano, o cientista deveria contemplar a paisagem de uma forma quase estética e a paisagem causaria, no observador, uma “impressão” que, combinada com a observação sistemática dos seus elementos componentes e filtrada pelo raciocínio lógico, levaria à explicação: a causalidade das conexões contidas na paisagem observada (BECKER, 2006).

As técnicas de análise privilegiadas por Humboldt foram observar, descrever e representar. A observação (a partir da contemplação), a descrição (com intuição) e a representação (por meio do desenho). Para Humboldt, o olhar empírico do conhecimento científico não é menos importante que a experiência estética do observador. Ambos constituem uma totalidade em que a finalidade científica e a literária desempenham uma comunicação resultante da íntima relação do homem com a natureza.

Segundo Ricotta (2003), nas obras de Humboldt, ‘Quadros da Natureza’ e ‘Cosmos’, ocorre a expressa construção de um olhar científico sobre o fenômeno natural que, em última instância, reflete uma realidade físico-espacial em linguagem estética, paisagística, em que há a influência do romantismo alemão de Goethe.

Essa influência representa, na formação de conceitos e da metodologia científica reflexiva de Humboldt, um caminho diverso do empreendido pelo racionalismo de Francis Bacon (1561-1626) e de René Descartes (1596-1650), na ciência da natureza.

A apreensão reflexiva da realidade faz convergir a totalidade entre o fenômeno (a paisagem) e o sujeito (o observador) capaz de interpretar a comunhão íntima do homem com a natureza. Ricotta (2003) descreve a formação de uma imagem mental advinda da apreciação reflexiva intitulada, por Humboldt, de cosmovisão em que o espírito humano está imerso junto aos fenômenos físicos no tempo e no espaço.

Não existe, portanto, uma descrição puramente científica de caráter empírico ou uma experiência puramente estética de caráter sensorial e intuitivo na perspectiva analítica de Humboldt. Existe a união entre as relações da ciência e da imaginação.

O esforço *suis generis* de Humboldt, na construção do conhecimento por meio da descrição de dados coletados, segundo Ricotta (2003), reside na contemplação e na valorização da imaginação e do caráter intuitivo, com o apoio de imagens e símbolos para comunicar plenamente os fenômenos da natureza. Esse esforço é percebido na vértebra de suas obras e, nos relatos de Humboldt (s/d:76), encontra-se o seguinte registro que, de certa forma, sintetiza o pensamento: “*a ciência é o espírito aplicado à natureza, mas o mundo exterior só passa a existir para nós no momento em que, pela via da intuição, se reflete no nosso interior*”.

MARGARET MEE E A TRAJETÓRIA DA DELICADA PINTORA DE ORQUÍDEAS DA HILEIA AMAZÔNICA

Margaret Mee nasceu em 1909, na cidade de Chesham, no condado de Buckingham, na Inglaterra, e faleceu em 1988. Desde muito cedo, evidenciou talento para a arte o que lhe possibilitou ingressar na escola de Artes de Watford. Mais tarde, lecionou arte em Liverpool. Trabalhou como desenhista na De Haviland durante a Segunda Guerra Mundial. Foi admitida em 1947, para estudar arte, na *Saint Matins College of Art* no *Centre Scholl of Art* onde conheceu seu futuro marido, Greville Mee, artista gráfico. Estudou, também, na *Camberwell School of Art* na qual foi colega de Victor Pasmore (1908-1998), artista e arquiteto inglês (MEE, 2009).

Margaret Mee mudou-se para São Paulo, no Brasil, em 1952, e foi cativada pela paisagem vibrante do país tropical. Lecionou arte na Escola Britânica de São Paulo. Em meio à tropicalidade e rodeada por plantas e árvores fascinantes e empolgantes, Margaret sentiu-se compelida a capturar suas belezas admiráveis, iniciando sua carreira como artista plástica. Especializada em desenho e design, inicia as primeiras incursões em áreas urbanas da capital paulista e no litoral paulista, atrás de plantas nativas para ilustrar (INSTITUTO DE BOTÂNICA DE SÃO PAULO, 2011).

Na primeira expedição pela Floresta Amazônica, em 1956, Margaret conheceu os habitantes locais que viviam às margens do rio Gurupi e passa por Belém, no Pará. Essa viagem inaugural à Amazônia lhe confere visibilidade no cenário cultural e artístico e 25 de suas pinturas integram a primeira exposição, na

Casa da Cultura Inglesa, em São Paulo, em 1958. A divulgação de suas pinturas abre as portas para sua atuação como ilustradora botânica em trabalhos científicos. Em setembro de 1960, Margaret é contratada pelo Instituto de Botânica de São Paulo (IBt) para ilustrar o fascículo da família Bromeliaceae da publicação *Flora Brasílica* (INSTITUTO DE BOTÂNICA DE SÃO PAULO, 2011).

Como ilustradora científica, o trabalho de Mee se desenvolve diretamente ligado ao dos botânicos Lyman Smith, do Instituto Smithsonian; Oswaldo Handro e Moisés Kuhlmann, ambos do Instituto de Botânica de São Paulo (IBt). Com esses pesquisadores, a artista adquire vasto conhecimento sobre as bromélias e finaliza a ilustração de várias espécies que serão publicadas em várias obras científicas. Algumas dessas ilustrações são utilizadas no livro *The Bromeliads - Jewels of The Tropics* (As Bromélias - Joias dos Trópicos) do norte-americano Lyman Smith, publicado nos Estados Unidos, em 1969 (INSTITUTO DE BOTÂNICA DE SÃO PAULO, 2011).

As expedições de Mee, realizadas em 32 anos, foram, assim, intituladas no diário de campo da pesquisadora: Gustavias no rio Gurupí, em 1956; Catasetums no Mato Grosso, em 1962; Heliconias à margem do Uaupés, em 1964/65; Cateleias na rota do pico da Neblina, em 1967; Heterostemons, ao longo do rio Marauíá, em 1967; Oncidiumums enfeitam o rio Memini, 1970; Neoregelia ao longo do rio Maués, em 1971; Orquídeas nos rios Mamori e Marau, em 1972; Catasetums nos arredores de Manaus, em 1974/75; Em busca da Qualea Azul perdida e do extinto rio Cauhy, em 1977; Loranthaceae no Arquipélago das Anavilhanas, em 1982; Floresta perdida nas cercanias do rio Trombetas, em 1984; A “flor-do-luar” no rio Negro, em 1988 (MEE, 2009).

A última expedição de Margaret Mee na Amazônia tinha uma finalidade específica: encontrar a *Selenicereus wittii* e desenhar a flor, espécie de cacto que só floresce à noite e é endêmica na região do arquipélago das Anavilhanas.

Essa planta, também conhecida como “flor-do-luar”, tem o seu nome popular inspirado na palavra grega *selene*, que significa lua, pois floresce somente à noite e por algumas poucas horas. A planta tem seu nome científico dedicado ao colecionador N. H. Witt, que viveu na Amazônia, no início do século XX, e enviou algumas espécies à Europa, para que fossem identificadas.

Apaixonada pela floresta e com o objetivo de procurar a “flor-do-luar”, Margaret retornou ao rio Negro, em maio de 1988, ao completar 79 anos. Em uma expedição bem planejada, ela parte pelo rio Negro até o arquipélago de Anavilhanas e, em um igarapé, localiza plantas prestes a florir. Monta vigília e, pouco a pouco, a flor-da-lua cumpre seu ritual: abre-se lentamente para a pintora, que tudo documenta à luz de lanterna (Figura 1). À meia-noite, a flor está totalmente aberta e encanta a sua expectadora mais dedicada. A artista encerra seu trabalho às 3 horas da manhã, mas acompanha o ritual da flor até às 8 horas, quando ela se fecha, para sempre e por completo (INSTITUTO DE BOTÂNICA DE SÃO PAULO, 2011).



Figura 1 - Margaret Mee desenhando a “flor-do-luar” e a “flor-do-luar”.

Fonte: Mee (2009, p. 160-161).

O registro de Margaret Mee sobre esse evento, em seu diário de campo, resume, de maneira sublime, o esforço *suis generis* da pesquisadora na construção do conhecimento por meio da representação e da descrição de dados observados. Margaret Mee escreveu:

Ao permanecer imóvel, com o escuro contorno da floresta ao meu redor, me senti enfeitiçada. Neste momento, a primeira pétala começou a se mover, e outra após outra, enquanto a flor rompia para a vida. Abria-se muito rapidamente. Continuamos assistindo, com a fraca iluminação de uma tocha e com a luz da lua cheia que subia pela orla escurecida da floresta. Nos primeiros estágios, a flor exalou um perfume extraordinariamente doce e ficamos todos fascinados com sua beleza e delicadeza. Para nossa surpresa, ela ficou enorme e totalmente aberta em uma hora (MEE, 2009).

Além da tenacidade de atingir o remoto local onde a natureza a esperava, Mee dedicava uma amorosa contemplação a todas as criaturas em seu *habitat*. Ao seu objetivo inicial, a busca e registro da rica flora que cresce nas copas das árvores ao longo dos inúmeros grandes rios da Amazônia, Mee somou sua crescente preocupação com o saque comercial das grandes florestas. Margaret era uma conservacionista impetuosa e muito conhecida pelo seu ponto de vista contrário à exploração destrutiva da Floresta Amazônica. Gilberto Castro, velho amigo e proprietário do barco usado em algumas das expedições, relata: “Margaret era uma ecologista quando este termo ainda nem existia e defender a natureza não estava na moda” (FUNDAÇÃO BOTÂNICA MARGARET MEE, 2011).

A conservacionista impetuosa e a delicada observadora da “flor-do-luar”, em sua contemplação, expressa, também, um ser humano preocupado com a destruição da Amazônia. Escreveu, em seu diário, naquela mesma noite em que desenhava o desabrochar da “flor-do-luar” em seu *habitat*:

Enquanto desenhava, desejei que chegasse um polinizador, que os especialistas acreditam ser uma mariposa ou talvez um morcego. Nossa vigília durou toda a noite e cheguei à conclusão de que nossa intromissão acabou por importunar o equilíbrio desenvolvido durante dezenas de milhões de anos. Esse distúrbio, no entanto, era muito pequeno em comparação com o que havia visto nos cursos do Amazonas, pois a floresta havia mudado consideravelmente e as

plantas adoráveis que eu pintava ao longo do rio Negro haviam desaparecido. Lembrava-me do entusiasmo de minha primeira viagem à região, entre as enormes árvores nas margens. A mudança havia sido desastrosa e a destruição e a queimada da floresta provocam incertezas para o futuro do nosso planeta (MEE, 2009, p. 164).

A força do conhecimento deixado por Mee reside, talvez, na contemplação e na valorização da imaginação e do caráter intuitivo que a pesquisadora desenvolveu com maestria, com o apoio de imagens e símbolos, para, assim, comunicar plenamente os fenômenos da natureza, com poesia. Por fim, Margaret Mee registrou:

A “flor-do-luar” fechou-se antes do amanhecer. Pássaros deixavam seus ninhos e sobrevoavam as ilhas. Um tucano apareceu úmido de orvalho sobre a copa de uma árvore. Uma elegante garça pescava. É o amanhecer de um outro dia (MEE, 2009, p. 164).

METODOLOGIA

A pesquisa qualitativa permite estabelecer uma relação entre obras de autores de diferentes épocas temporais ou contemporâneas e exige uma sensibilidade para o estudo empírico, pois o enfoque precisa “ser limitado em termos locais, temporais e situacionais” (FLICK, 2009, p. 31).

Na primeira perspectiva, parte-se do autor e de sua obra escolhida em uma situação de estudo e dos significados que este representa para o autor. No contexto situacional, as interações sociais e culturais são analisadas a partir dos significados subjetivos descritos pelo autor em seu relato. Para essa perspectiva, parte-se de Margaret Mee e de sua obra ‘Flores da Floresta Amazônica’ (2009) (Figura 2).



Figura 2 - Margaret Mee e uma de suas obras, ‘Flores da Floresta Amazônica’.

Fonte: Instituto de Botânica de São Paulo (2011).

Na segunda perspectiva, parte-se, também, do autor sem, no entanto, analisar uma obra específica, estudando-se o discurso de toda a sua trajetória e do legado para a sistematização da Geografia. Para essa perspectiva, parte-se do discurso de Alexander von Humboldt (Figura 3).



Figura 3 - Alexander von Humboldt e uma de suas representações da flora equinocial.

Fonte: Rupke (2008).

Na terceira perspectiva, analisam-se as regras implícitas ou inconscientes que regem cada autor. O foco principal está na cultura pertinente e na estrutura e regras que ela oferece para cada autor em seu local, tempo e situação. Essa triangulação permite combinar o foco sobre o fenômeno que se quer abordar e estabelecer a provável relação nos procedimentos metodológicos de Margaret Mee e de Alexander von Humboldt.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

QUESTÕES QUE APROXIMAM A OBRA DE MARGARET MEE COM OS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DE ALEXANDER VON HUMBOLDT

Uma das primeiras questões, talvez a mais importante, que aproxima Mee de Humboldt, diz respeito à prática do trabalho de campo.

Humboldt foi o primeiro, na Geografia, a realizar um trabalho de campo sistemático, no qual propunha uma observação minuciosa dos elementos da paisagem. No entanto, não se contentava com o ato de observar, apenas, fato que poderia levá-lo ao empirismo, mas segue o trajeto de observar (contemplar com intuição), descrever, representar, refletir e teorizar.

A **observação**, para Humboldt, seria então o ponto de partida. Ela não ocorreria isoladamente, mas em conexão com a objetividade do mundo exterior. Para desenvolvê-la, era preciso *“distinguir entre a disposição do observador, e o engrandecimento ulterior do observado que é fruto da*

investigação e do trabalho do pensamento” (HUMBOLDT s/d:20).

No exercício da observação, Humboldt considerava essencial a **contemplação** da paisagem, que não poderia ocorrer de maneira fria, sem emoção, mas, pelo contrário, a natureza é para ser observada com os sentimentos, isto é, contemplada de forma prazerosa. Para isso, Humboldt dizia que o observador deveria deixar fluir toda a sua sensibilidade.

Para Humboldt s/d-a:20,

a natureza é o reino da liberdade, e, para pintar vivamente as concepções e os prazeres que sua contemplação profunda espontaneamente engendra, seria preciso dar ao pensamento uma expressão livre e nobre em harmonia com a grandeza e a majestade da criação.

Da conexão entre as forças da natureza e o sentimento íntimo, nasce a mútua dependência: a intuição.

Humboldt considera a **intuição** outro elemento muito importante no processo de observação dos fenômenos. Ela seria desencadeada a partir do primeiro contato que o sujeito mantém com a paisagem e da simples contemplação da natureza, o observador recebe uma carga de sensações do meio e, em contato com sua subjetividade, consegue definir os encadeamentos da complexidade (ALVES, 2005).

Segundo o próprio Humboldt s/d:03,

a natureza, considerada racionalmente, isto é, submetida em seu conjunto ao trabalho do pensamento, é a unidade na diversidade dos fenômenos, a harmonia entre as coisas criadas distintas em suas formas, em sua constituição própria, e pelas forças que as animam; é o todo penetrado por um sopro de vida. O resultado mais importante de um estudo racional da natureza é conhecer a unidade e a harmonia nessa imensa diversidade de coisas e forças!

Foi possível detectar ainda duas outras questões que são tratadas com destaque nos universos de estudos tanto de Humboldt quanto de Mee, os recursos técnicos da **descrição** e da **representação**.

Humboldt fez uso intensivo da descrição e da representação. Os textos sobre a América do Sul compreendem trinta volumes publicados em trinta anos, que compõem-se de livros científicos, atlas, tratados de Geografia e uma narrativa de suas viagens. Escreveu seus textos científicos em colaboração com outros cientistas, especialmente, Karl Ritter (1779-1859). Em sua importante obra, *Kosmos*, considerada uma espécie de síntese de todos os seus trabalhos, é possível perceber a excitação intelectual, a necessidade prática da pesquisa científica e a representação do fenômeno. Humboldt, da mesma forma como Leonardo da Vinci, considerava o olho o principal instrumento tanto para o pintor como para o cientista. Segundo da Vinci (apud CAPRA, 2008, p. 26), “o olho é o principal meio pelo qual o senso comum pode mais abundante e magnificamente contemplar as infinitas obras da natureza”.

As pesquisas e a vida de Mee, também, não se limitavam às expedições e às viagens. Sua carreira teve continuidade em São Paulo no Instituto de Botânica de São Paulo (IBt) onde colaborou, de maneira fundamental, para catalogar novas espécies de plantas e, assim, desenvolver a botânica, pois desenhava com riqueza de detalhes a flora brasileira e o *habitat* dos animais. Revelou e documentou várias espécies que não eram conhecidas e algumas levaram o seu nome, a exemplo, da *Aechmea*

meeana, a *Sobralia margaretae* e a *Neoregelia margaretae*. Em todas as suas pinturas, a fidelidade da forma e da cor sempre impressionou.

Ao aliar, em suas representações, a ciência e a arte, Mee tornou-se uma das maiores ilustradoras botânicas do século XX e privilegiou, de forma apaixonada, a flora da Hileia amazônica. Entre as muitas expedições à Amazônia, produziu cerca de 450 pinturas da flora tropical, como orquídeas, bromélias e helicônias, entre outras plantas. Além das pinturas, Mee utilizava a caderneta de campo para fazer registros de sua percepção e, em seus diários, revelava a admiração com que observava e sentia a natureza. Em um trecho de seu diário (em Gustavias, no rio Gurupi, em 1956), Mee escreve:

Na primeira noite, penduramos nossas redes nas árvores que rodeavam um lago encantado. Eu não pude dormir porque prestava atenção aos sons mágicos da floresta adormecida. Somente as árvores dormiam, pois o lago estava acordado, borbulhante de peixes que saltitavam, enquanto o coral de sapos intrometia-se no lamento triste dos pássaros noturnos (MEE, 2009, p. 14).

Em outra anotação registra, novamente, sua incansável contemplação para com a natureza:

Entramos na floresta sozinhas, seduzidas por um campo de plantas maravilhosas: pontas brilhantes e vermelhas de *Helicônia glauca* (...) e a bela orquídea *Gongora maculata*, com sua longa inflorescência e seu poderoso perfume aromático equivalente a centenas de lírios (MEE, 2009, p.18).

Segundo Malena Barretto, coordenadora do curso de ilustração da Escola Nacional de Botânica Tropical do Rio de Janeiro, Margaret sempre buscava registrar espécies botânicas representativas ou espécies raras (Figura 4) e afirma que a arte de Margaret, “além de encantar pela harmonia de formas e cores, também trouxe significativo avanço à ciência” (INSTITUTO DE BOTÂNICA DE SÃO PAULO, 2011).



Figura 4 - Margaret Mee e o desenho da *Gustavia pulchra* no Amazonas.

Fonte: Mee (2009, p. 70).

Humboldt realizou inúmeros trabalhos de campo durante sua vida e, assim como Mee, dedicou especial encantamento pela Amazônia. Apesar de ambos, na maioria das vezes, restringirem-se aos fenômenos físicos (como, por exemplo, a ocorrência de plantas entre os diferentes lugares), pode-se verificar que tanto Humboldt quanto Mee mantiveram interesses sobre a diversidade cultural dos povos que encontraram em suas expedições. É possível detectar, nas anotações de Humboldt, as referências culturais de vários povos, entre eles, os Incas. Na obra “Quadros da natureza”, por exemplo, há considerações sobre as lendas e crenças dos Incas. Nessa obra, transparece o lado crítico e reflexivo de Humboldt, na medida em que seus comentários direcionaram-se para a questão da pobreza em que viviam os Incas, após o processo de colonização hispânica (ALVES, 2005).

Margaret também mantém uma interação com a população da Amazônia em inúmeros registros, entre os quais “[...] Fiquei triste em ter que deixar estas pessoas tão lindas, habitantes de um outro mundo, um mundo de natureza gloriosa – mas por quanto tempo?” (MEE, 2009, p. 56).

Hoje, na perspectiva da ciência do século XXI, pode-se reconhecer em Humboldt um descendente da linhagem de pensamento de Leonardo da Vinci e, também, precursor de cientistas, filósofos e botânicos cujo foco principal está na natureza das formas orgânicas ou do pensamento sistêmico. Para Humboldt e para Mee, a pintura era tanto arte como ciência. Uma ciência das formas naturais.

CONCLUSÕES

Concluiu-se que Humboldt foi um daqueles estudiosos cuja importância ultrapassa os domínios temporais de sua época e espaciais da sociedade em que viveu. De forma similar, a obra de Margaret Mee transforma-se em uma cruzada apaixonada pela preservação do ambiente frágil da Amazônia. Alexander von Humboldt e Margaret Mee jamais perderam o entusiasmo pelo trabalho de campo e não mediram esforços para registros em diários e desenhos que auxiliaram na catalogação de novas espécies em áreas remotas da Amazônia.

Embora não contemporâneos, ambos viveram sob a influência do pensamento cartesiano das ciências modernas sem, no entanto, deixar de aproximar o conhecimento sensível e o conhecimento intelectual em suas obras. Assim como Alexander von Humboldt, Margaret Mee utilizou-se da observação, da contemplação e, especialmente, da intuição como principal técnica de análise criando uma interação entre observador e objeto, e a delicada pintora de orquídeas retratou a flora usando técnicas científicas em um contexto artístico.

E deixou um alerta: “*eu sei que a minha morte não será o fim do meu trabalho. Aonde quer que eu vá, eu tentarei influenciar quem estiver destruindo nosso planeta, de modo que a terra tenha uma chance de sobreviver*” (MEE, 2009, p. 59).

REFERÊNCIAS

ALVES, Vicente Eudes Lemos. A obra de Humboldt e sua provável influência sobre a antropologia de Franz Boas. In: GEOUSP. **Espaço e Tempo**. São Paulo, n. 8, p. 67-79, 2005.

ARLT, Gerhard. **Antropologia filosófica**. Petrópolis: Vozes, 2008.

BECKER, Elsbeth Léia Spode Becker. **História do pensamento geográfico**. Santa Maria: Pallotti, 2006.

CAPRA, Fritjob. **A ciência de Leonardo da Vinci**. São Paulo: Cultrix, 2008.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Artmed, 2009.

FUNDAÇÃO BOTÂNICA MARGARET MEE (RJ). 2011. Disponível em: <www.jbrj.gov.br>. Acesso em: 31 out. 2011.

HÖFFE, Otfried. **Aristóteles**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

HUMBOLDT, Alexander von. **Cosmos**. Ensayo de una descripción física del mundo, v. 1. Madrid: Spanish Ediciones. s/d.

INSTITUTO DE BOTÂNICA DE SÃO PAULO. **Os 100 anos da artista Margaret Mee**. 2011. Disponível em: <www.ibot.sp.gov.br>. Acesso em: 23 nov. 2011.

MEE, Margaret. **Flores da Floresta Amazônica**. São Paulo: Escrituras, 2009.

RICOTTA, Lúcia. **Natureza, Ciência e Estética em Alexander von Humboldt**. Rio de Janeiro: Muad, 2003.

RÜPKE, Nicolaas. **Alexander von Humboldt: a metabiography**. Chicago: University of Chicago, 2008.